

O ensino da Comunicação Visual nos anos 1960: a contribuição de Ernest Robert de Carvalho Mange

DIAS, Dora Souza

A arquitetura no Brasil hoje não seria a mesma sem as contribuições de Mange em meados do século passado. Ernest Robert de Carvalho Mange formou-se engenheiro civil, mas sempre foi apaixonado pela arquitetura, tendo sido autor de diversos projetos modernistas de arquitetura e de urbanismo de grande porte. Politicamente de esquerda, compartilhou com seus contemporâneos os ideais de desenvolvimento industrial e de melhor qualidade de vida para todos os brasileiros.

Mange considerava Le Corbusier um dos maiores gênios do século XX e essa paixão o levou até a França em um período no qual a Europa se recuperava da guerra recém terminada, quando vivenciou as soluções adotadas para a reconstrução das cidades. Algumas foram reconstruídas como eram antes da guerra, outras construídas a partir das novas ideias modernistas cujos pontos positivos e negativos pôde analisar e trazer as experiências para o Brasil (MANGE, 2004a). Sua atividade profissional como arquiteto, engenheiro e urbanista foi extensa, projetou de escolas a hidrelétricas, mas também atuou durante muitos anos como professor. Iniciou sua atividade docente em cursos técnicos antes de se formar, chegando à posição de Professor Catedrático na Universidade de São Paulo. Em 1956 assumiu a posição de Catedrático interino da cadeira de Desenho Artístico, que, em 1962, com a Reforma na FAU USP, deu lugar à Cátedra de “Comunicação Visual”. A implementação da Reforma de 1962 buscou um distanciamento de modelos de ensino tradicionalmente franceses, para que o aluno pudesse se tornar um profissional completo, capaz de atuar diretamente no desenvolvimento econômico, tecnológico e industrial que acontecia em nosso país. Mange foi, indiscutivelmente, um dos atores da Reforma e exerceu forte influência sobre a formação de diversos arquitetos no Brasil.

1.1 Biografia

Robert Auguste Edmond Mange (Roberto Mange), nascido na Suíça e descendente de família francesa, chegou ao Brasil em 1913 para assumir a Cátedra de Engenharia Mecânica aplicada às Máquinas na Escola Politécnica de São Paulo. Aqui, conheceu Jeanne Pereira de Carvalho, de família brasileira com antepassados portugueses, com quem se casou no ano

seguinte (SENAI, 1991). Fruto dessa união, em 28 de dezembro de 1922, nasceu Ernest Robert de Carvalho Mange, na cidade de São Paulo.

Ernest cursou a pré-escola na Escola Caetano de Campos – escola pública frequentada pela elite paulistana da época – da qual guardou reminiscências dos interesses de infância quando era “muito fascinado por tudo que afeta a vista, pelos valores plásticos” (MANGE, 2002). Ao longo de sua formação escolar, desenvolveu interesses variados, mas desde cedo um de seus interesses se destacou:

Eu, desde criança, queria construir. Eu queria mudar o mundo, mas queria fazer isso fisicamente. Arquitetura na POLI (Escola Politécnica da Universidade de São Paulo), nessa época, era um curso de engenharia civil com mais algumas cadeiras. Então, meu velho, que era professor da POLI, na mecânica, falou: “Você faz o curso de engenharia civil completo, depois você faz arquitetura.” (ARAÚJO, 2004: 10)

Nos anos de 1936 a 1938, teve aulas de Desenho Artístico e Pintura no atelier do pintor Torquato Bassi, e de 1939 a 1940, fez o curso pré-universitário da Escola Politécnica da USP – Universidade de São Paulo –, onde cursou engenharia civil, diplomando-se em 1945. Antes de se formar, Ernest estagiou no escritório de arquitetura de Rino Levi, em 1943 e, de 1943 a 1946, exerceu atividades de magistério na Escola Técnica “Getúlio Vargas” lecionando Desenho Arquitetônico, Mecânica Aplicada e Complementos de Matemática (MANGE, 1967). A oportunidade de lecionar apareceu quando ainda era aluno da Escola Politécnica e o interesse pelo magistério se fortaleceu:

Quando eu estava na Poli (Escola Politécnica da USP), apareceu uma oportunidade, eu compareci, fiz um exame, me acharam bom, então eu fui atraído pelo ensino. Comecei a ensinar, na Escola Técnica do Brás, Complementos de Matemática, depois ensinei Desenho e um monte de coisas, enfim. Fiquei cinco anos lá. E aquilo me atraiu muito, queria ser um professor como eu nunca tinha tido. (Depoimento de Ernest Mange, 2002)

Por longo tempo, sua atividade como docente caminhou em paralelo com outras atividades profissionais. Em 1945, enquanto lecionava na Escola Técnica “Getúlio Vargas” associou-se a dois colegas politécnicos, Helio Martins de Oliveira e Carlos Engel e, juntos, criaram o escritório de engenharia Martins, Engel e Mange. Esta parceria deu a ele a oportunidade de aprender sobre tecnologia da construção e os aspectos práticos do canteiro de obras.

Mange concluiu o curso e tornou-se engenheiro civil, mas, ainda antes de se formar, por acaso, encontra um livro de Le Corbusier com suas obras completas em uma livraria perto da Escola Politécnica. Seu encantamento pelos trabalhos e obras que o livro continha o fizeram decidir que trabalharia com Le Corbusier (ARAÚJO, 2004). Em 1947, recebeu uma bolsa de estudos do Governo Francês, com a qual estagiou por sete meses no ATBAT – *Ateliers de Bâtisseurs*, escritório responsável pelo detalhamento e execução das Unidades de Habitação projetadas por Le Corbusier (ARAÚJO, 2004).

Após suas experiências na Europa, retomou os trabalhos no escritório de engenharia até 1950, quando deixou a sociedade para trabalhar no Convênio Escolar, pelo qual é autor do projeto de algumas escolas, como G. E. Pedro Voss, G. E. Gabriel Ortiz e G. E. Otavio Mendes (CALDEIRA, 2006; MANGE, 1967). No mesmo ano, formalizou uma sociedade com Helio de Queiroz Duarte – da qual Léo Nishikawa e Ariaki Kato passam a fazer parte em 1952. Diversos projetos foram elaborados pelo grupo, incluindo escolas para o SENAI, planejamento e projeto da Escola de Engenharia de São Carlos da USP, centros de pesquisa, indústrias e hospitais, entre outros. Ainda em 1950, convidado por Helio Duarte, foi contratado como Professor Assistente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP – FAU USP. Em fevereiro de 1956, foi nomeado Professor Catedrático Interino da Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico”, a qual compreendia disciplinas para o 1º e 2º anos, função que passou exercer a partir de dezembro do mesmo ano. Em 1963, com o curso reestruturado após a Reforma de 1962, a Cadeira nº 21 deu lugar, oficialmente, à Cátedra nº 12 – “Comunicação Visual I”. Nos anos seguintes, até 1969, regeu a Cátedra nº 12 e ficou responsável pela disciplina “Comunicação Visual I”, oferecida aos alunos do 1º ano.

Além de ter sido professor da Faculdade de Arquitetura, atuou como professor na Escola Politécnica da USP. Em 1962, por designação da congregação da Escola Politécnica, tornou-se Catedrático Interino da Cadeira nº 12 – “Noções de Arquitetura e Construções Cívicas, Higiene das Habitações” 1ª e 2ª partes, antes ocupada pelo professor Anhaia Mello (MANGE, 1967). Em 1965, regeu a cadeira nº 12 – “Construções de Edifícios e Engenharia Urbana”, da Escola Politécnica da USP, e foi professor da disciplina 123 “Noções de Arquitetura”.

No ano de 1965 foi eleito vice-presidente do Departamento de Projeto da FAU USP, exercendo a presidência de março a outubro de 1965, quando também participou como membro do Colegiado de Professores do Curso de Pós-Graduação, organizado pelo Departamento de Projeto da FAU USP. Em 1966, tornou-se novamente vice-presidente do

Departamento de Projeto e atuou como coordenador do curso de Pós-Graduação e professor da disciplina “Introdução à Teoria da Comunicação”, oferecida pela Sequência de Comunicação Visual (MONZÉGLIO, 1985).

A atuação de Mange na administração pública começou em 1966, quando foi eleito presidente do Conselho Estadual de Obras Públicas do Estado de São Paulo, permanecendo no cargo até 1969. Entre 1975 e 1979, período em que Olavo Setúbal foi prefeito¹, Mange ocupou o cargo de diretor-presidente da EMURB – Empresa Municipal de Urbanização e presidente do Conselho Técnico Administrativo da COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo. Em 1977, tornou-se o primeiro titular da SEHAB – Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de São Paulo, onde permaneceu até 1979. De 1987 a 1997 ocupou o cargo de diretor-superintendente do Instituto Cultural Itaú. (ENCICLOPÉDIA, 2012; ARAÚJO, 2004)

Ernest Robert de Carvalho Mange morreu em 12 de maio de 2005, na cidade de São Paulo, aos 82 anos, deixando um importante legado para a arquitetura no Brasil.

1.2 A criação da FAU USP

A FAU USP, fundada em 1948, tem na história de sua criação uma ligação direta com a Escola Politécnica da USP. Criado em 1894, o curso de formação de Engenheiros Arquitetos funcionou dentro da Escola Politécnica por 60 anos, mas por sua proximidade com o curso de Engenharia Civil, o curso de Engenheiros Arquitetos foi bastante questionado. As disciplinas reflexivas sobre a Arquitetura eram deixadas de lado, colocando o projeto arquitetônico em plano secundário, “imobilizando o curso no tempo” (BIRKHOLZ & NOGUEIRA, 1993). No final da década de 1930, iniciou-se “o processo de separação entre o projeto de arquitetura e a edificação” (DOMSCHKE, 2007) e a consequente separação entre o ensino da Engenharia Civil e da Arquitetura que na USP culminou na fundação da FAU. Após a criação da FAU, gradualmente, o curso de Engenheiro Arquitetos foi extinto, até que, em 1954, formaram-se os dois últimos engenheiros arquitetos.

Desde o início da formação dos primeiros cursos superiores de Arquitetura, houve uma separação entre os diferentes modelos acadêmicos: os cursos com bases em conceitos artísticos descendentes do modelo da *École des Beaux-Arts* – dedicados ao desenho artístico

¹ Ernest Mange e Olavo Setúbal se conheceram quando cursaram o primário e foram colegas na Escola Politécnica da USP. Olavo Setúbal foi prefeito de São Paulo de 1975 a 1979 e presidente da Investimentos Itaúsa, holding do banco Itaú.

de elementos arquitetônicos, aplicando teorias de composição, com preocupações estritamente estéticas – e os cursos com bases técnicas, provindos do modelo da *École Polytechnique* – com um discurso racional da distribuição da composição, embasado no racionalismo construtivo. De 1948 a 1955, a FAU se orientou pelo Regimento da Escola Politécnica. Em 1955, a FAU aprovou seu próprio regimento. A matriz do curso da FAU foi formulada a partir da busca do equilíbrio entre as disciplinas provenientes destes modelos – *École de Beaux-Arts* e *École Polytechnique* – o que resultou em uma soma de disciplinas de dupla origem, entre as quais não havia muitas conexões.

Esta matriz de formação em que as disciplinas não dialogavam entre si foi objeto de preocupação constante por parte de alguns professores, os quais também debatiam sobre a regulamentação profissional do arquiteto. A partir de 1957, os debates sobre a estrutura de ensino vigente se intensificaram, não só pela crítica à sua composição de cadeiras isoladas e independentes entre si, mas também pelo distanciamento entre as disciplinas de origens distintas. Os anos que se seguiram à fundação da FAU foram marcados pela oscilação entre “o abandono das matrizes tradicionais de ensino e a opção definitiva pela arquitetura moderna” (PEREIRA, 2009).

Os questionamentos ao modelo de ensino e sua inadequação à realidade enfrentada pelo arquiteto formado procuravam responder às necessidades de “uma aproximação maior entre arquitetura, indústria e a realidade social nacional” (SIQUEIRA & BRAGA, 2009) e visavam reformas que pudessem aparelhar as escolas para dar ao jovem profissional a formação adequada a este amplo campo de ação que deveria enfrentar.

A realidade brasileira a partir dos anos 1950, com seu processo de rápida industrialização e a política desenvolvimentista do governo, estimulou algumas iniciativas de reformulação do ensino e tentativas de modernização do Brasil. Em 1951, tiveram início as aulas do Instituto de Arte Contemporânea do MASP e embora essas aulas tenham durado apenas dois anos em decorrência da pouca receptividade das indústrias brasileiras aos seus alunos, elas foram um importante marco do ensino do design no Brasil. A realidade nacional exigiu dos responsáveis pelo ensino do desenho industrial “uma consciência crítica e permanentemente aberta aos aspectos novos que dela emergem continuamente” (FRANCO et al., 1964). São Paulo, em constante processo de modernização, era um dos centros industriais mais importantes do país e a atuação do arquiteto como introdutor da indústria no campo da cultura demonstrava que os profissionais que se formavam tinham a necessidade de capacitação para intervirem no campo do Desenho Industrial. Este cenário privilegiou a FAU

USP que por sua posição geográfica e seu contexto econômico estava “em condições de sentir de forma mais intensa a solicitação da indústria nacional e, por outro lado, mercê dessa situação privilegiada, pode dispor desse mesmo parque como elemento supletivo na formação e treinamento profissional do seu corpo docente e discente” (FRANCO et al., 1964).

Em um relatório feito em 1954 para o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, Helio Duarte e Ernest Mange propõem a inclusão de disciplinas “atuais das Faculdades, visando melhor conhecimento do Homem e da Coletividade” e a revisão geral do currículo das Faculdades, “particularmente das disciplinas chamadas ‘plásticas’” (DUARTE & MANGE, 1954).

Em 1957, foi formada uma comissão de professores para examinar e propor reformas para o aperfeiçoamento do ensino, composta por Rino Levi, Villanova Artigas, Abelardo de Souza e Helio Duarte. As dificuldades de implantação de uma reforma radical – que a comissão reconhecia necessária – fizeram com que fosse proposta apenas uma mudança para aplicação imediata: a modificação na seriação das cadeiras do currículo oficial para dar ao ensino de projeto a sua devida importância, “concentrando nos primeiros anos do curso as cadeiras técnicas, de modo a dar ao aluno (...) a base técnica necessária para enfrentar os trabalhos de projeto do curso” (MILLAN, 1962). A proposta de 1957 foi a primeira oportunidade de reformulação do ensino dentro da FAU USP, e mesmo não sendo implantada serviu como ponto de partida para as novas propostas e “de certa forma (...) se coloca a meio do caminho entre o existente até então e o conteúdo da ‘Reforma de 1962’ ” (FAGGIN, 1993).

Em 1958, um decreto estabeleceu que a matrícula nos cursos da FAU USP seria feito “por cadeira ou disciplina subordinada, respeitando uma precedência lógica e condicionada ao horário estabelecido sobre uma seriação padrão” e que o Regimento Interno, ainda por ser feito, fixaria “o “currículum” padrão dos cursos normais”. (Decreto 34.017/1958)

1.3. A Reforma de 1962

No ano de 1962 aconteceram, dentro da FAU USP, as mudanças que vinham sendo pensadas desde 1957. Conhecida hoje como a Reforma de 1962, a reestruturação completa do ensino e da matriz curricular do curso de Arquitetura teve a participação de alguns professores catedráticos que não só deram espaço para novas ideias como também conduziram a contratação de novos professores e adaptaram as suas disciplinas aos novos programas.

A portaria nº 9, de 22 de dezembro de 1961, fixou o novo currículo da FAU USP, no qual a matrícula em disciplinas passa a observar precedências, como por exemplo: “precede à segunda parte da cadeira de Desenho Artístico a primeira parte da mesma cadeira”. Essa mudança atende às necessidades de sequenciamento e de evolução dos conteúdos.

Em 1961, as cátedras foram organizadas em Departamentos – Composição, Histórico-Crítico, Ciências Aplicadas e Disciplinas Técnicas – e foi criado o “Museum”, órgão coordenador de atividades curriculares, extracurriculares e complementares de ensino. Mas no ano seguinte, foram instalados apenas o “Museum” e os departamentos Histórico-Crítico e de Composição, pois a Faculdade enfrentava sérias restrições de espaço na Vila Penteados². A criação dos departamentos “não estava ligada unicamente à reforma efetuada dentro da Faculdade, mas também a uma reforma na estrutura da Universidade como um todo” (SIQUEIRA & BRAGA, 2009) e ao clima geral de definições na educação brasileira. Em 20 de dezembro foi promulgada a primeira lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB 4024/61).

Além da criação dos departamentos, foram definidas linhas de desenvolvimento didático: “comunicação visual (expressão gráfica), desenho industrial, arquitetura de edifícios e planejamento” (FAU USP, 1962a), a partir das quais foram organizadas quatro sequências de ensino dentro do Departamento de Composição. Cada sequência tinha características próprias, sendo composta de ferramentas para preparar os alunos para raciocínios cada vez mais complexos dentro do desenvolvimento da linha didática concatenando suas disciplinas e exercícios conforme a evolução do curso.

O foco era compor um currículo que se adequasse à realidade de um campo profissional amplo e formar “um novo tipo de profissional”, capaz de atuar “numa gama muito ampla de processos, abrangendo a produção industrial, identificando-se com ela e contendo em si o ‘Designer’ ” (FAU USP, 1963a). Assim, as Sequências de Comunicação Visual e Desenho Industrial – cujos conteúdos e conceitos já faziam parte da atuação do jovem formado – compuseram o currículo da FAU em posição de igualdade com as Sequências de Projeto e Planejamento.

1.4 A Sequência de Comunicação Visual

² O projeto do prédio da FAU USP na cidade universitária foi feito por Villanova Artigas e Carlos Cascardi em 1961, mas ainda demoraria alguns anos para a construção e a mudança definitiva acontecerem.

Durante o ano de 1962, com a Reforma tornando-se realidade, a FAU USP passou por grandes transformações no campo didático e técnico-administrativo. Nos programas das disciplinas que faziam parte do Departamento de Composição constava uma observação relativa às suas diretrizes, como o da cadeira de “Desenho Artístico” que definiu: “Dentro das diretrizes traçadas pelo Departamento de Composição para o ano letivo de 1962, a cadeira nº 21 programa duas linhas de trabalho, uma dentro do Campo da educação visual e outra dentro do campo objetivo da representação”(FAU USP, 1962b).

O conteúdo ministrado foi reorganizado a partir das disciplinas que existiam anteriormente e à Sequência de Comunicação Visual coube abarcar uma série de conhecimentos que antes estavam distribuídos nas seguintes disciplinas: “Desenho Artístico (1º e 2º ano do curso), Plástica I, II e III (2º ao 4º ano do curso) e Desenho Arquitetônico (1º ano do curso)” (MONZÉGLIO, 1984:14).

Em 1963, o Departamento de Composição deixa de existir, dando lugar ao Departamento de Projeto. Em sua primeira reunião de Conselho, em 18 de fevereiro de 1963, foi discutida a organização oficial das Sequências de ensino, com a reorganização definitiva das disciplinas, e, também, a contratação de novos professores. Esse último dado é importante para a análise dos novos objetivos adotados pela FAU USP, pois esses professores “eram, em geral, jovens profissionais em busca de uma aproximação maior entre arquitetura, indústria e realidade social nacional e questionavam o modelo de ensino desvinculado da prática profissional” (SIQUEIRA & BRAGA, 2009).

A Sequência de Comunicação Visual ocorre na prática e extra-oficialmente em 1962, porém o seu programa só foi oficialmente definido para o ano de 1963, sendo a Sequência composta “pela Cátedra de Comunicação Visual I e as Disciplinas Autônomas Comunicação Visual II e III” (FAU USP, 1963c), ministradas, respectivamente, aos alunos do 1º, 2º e 3º anos do curso³. Oficialmente só em 29 de novembro de 1963, é publicada no Diário Oficial a Portaria que estabelece a mudança de denominação das cátedras e suas correspondências, assim, a cátedra antes denominada “Desenho Artístico”, passou a ser denominada “Comunicação Visual I” e Mange continuou como catedrático responsável.

Ao longo dos anos, alguns professores acompanharam Ernest Mange na Sequência de Comunicação Visual, como Élide Monzéglio, Renina Katz, João Xavier, Ludovico Martino.

³ O histórico de Carlos Alberto Inácio Alexandre, que ingressou em 1961 na graduação da FAU USP e concluiu em 1965, apresenta as disciplinas “Comunicação Visual I” no ano letivo de 1961, “Comunicação Visual II (disciplina autônoma)” no ano letivo de 1962 e “Comunicação Visual III (disciplina autônoma)” no ano letivo de 1963, tratando-se de uma possível equivalência feita posteriormente.

Élide Monzéglio (1927-2006) graduou-se em 1953 como Professora de Pintura e Professora de Desenho pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Em 1956 é contratada como Instrutora da Cadeira nº16 “Composição de Arquitetura – Pequenas Composições I. Desenho Arquitetônico. Plástica I”, cooperando diretamente como professora de Desenho Arquitetônico para o 1º ano. Em 1958, por indicação de Mange, é contratada como Assistente da Cadeira nº 21 “Desenho Artístico”. Permaneceu na FAU USP até 2006, passando por diversos cargos.

Renina Katz (1925-) cursou a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro entre 1947 e 1950. Em 1951, lecionou gravura no Museu de Arte de São Paulo – MASP. Em 1956, começa a lecionar na FAU USP como assistente de ensino na disciplina “Plástica II”. Após a Reforma, passa a lecionar a disciplina “Comunicação Visual II”. Aposenta-se oficialmente em 1983.

João Baptista Alves Xavier (1934-), fotógrafo, arquiteto e artista plástico, formou-se na FAU USP em 1958. Atuou como professor da Sequência de Comunicação Visual da FAU e como professor de desenho na Faculdade Armando Álvares Penteado – FAAP. Desliga-se da FAU nos anos 1970.

Flávio Império (1935-1985), arquiteto, cenógrafo, pintor, desenhista, escultor, ilustrador, figurinista, formou-se na FAU USP em 1961 e, em 1962, tornou-se assistente de ensino da mesma instituição, dando aulas com Renina Katz. Pediu demissão da FAU USP em 1977, mas retorna em 1983 onde ficaria por mais, pelo menos, três anos.

Ludovico Antonio Martino (1933-2011), arquiteto formado pela FAU USP em 1962, foi contratado para dar aulas na FAU em 1963 e tornou-se professor da Sequência de Comunicação Visual. Em 1978, solicitou rescisão de seu contrato e se afastou do ensino.

1.5 Disciplinas ministradas por Ernest Robert de Carvalho Mange na FAU

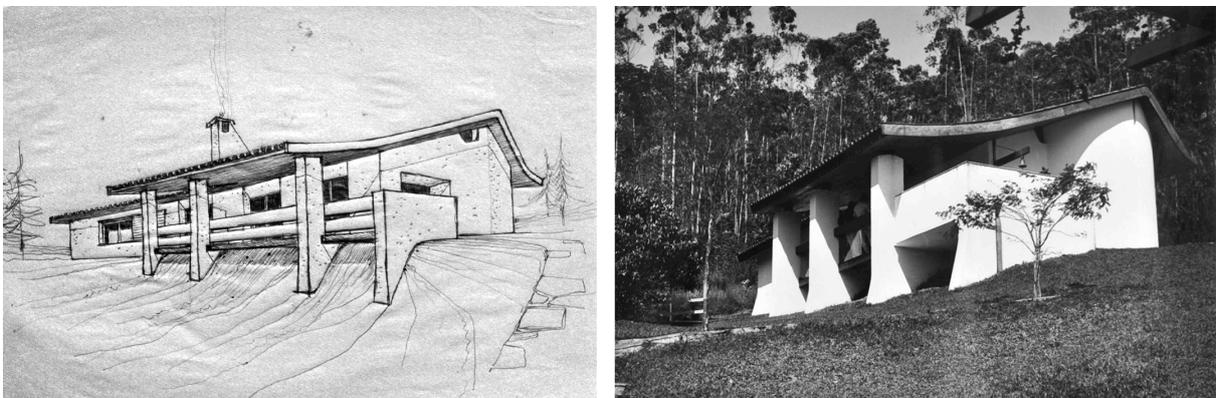
A participação de Mange como professor na FAU USP tem início em 1950, a convite de Helio de Queiroz Duarte, seu amigo e professor da Cadeira nº 17 “Composições de Arquitetura – Grandes Composições I”. É contratado como assistente nessa disciplina, cargo em que permaneceu até fevereiro de 1954. De maio de 1954 a fevereiro de 1956, foi contratado como professor da disciplina nº 30 – “Plástica”, dada aos alunos do 5º ano e, por dez meses, atuou como professor substituto da disciplina “Plástica”, ministrada aos alunos do 4º ano – nº 29. Em 1956 foi nomeado Professor Catedrático Interino da Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico”.

1.5.1 Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico”

O programa da Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico” objetivava “dar ao futuro arquiteto os meios necessários à exteriorização de sua capacidade criadora, através da expressão gráfica” (FAU USP, 1959). Para que esta finalidade fosse atingida, pretendia-se que os alunos obtivessem domínio das técnicas elementares de desenho, desenvolvimento da capacidade de observação, apuro da sensibilidade plástica e desenvolvimento da imaginação criativa, por meio de exercícios gráficos sobre temas programados, crítica técnica e estética dos professores, orientação no desenvolvimentos dos exercícios, aulas teóricas iniciais sobre estética e história da arte. É importante lembrar que, nesse momento, as tecnologias hoje disponíveis e abundantes estavam longe de existir. O arquiteto dependia inteiramente de seu domínio do desenho para expressar suas ideias. Abaixo, alguns desenhos de Mange demonstram a sua técnica de desenho, de projeto e de representação do espaço.



Figuras 1.5.1 e 1.5.2: Desenho de Projeto de Residência e fotografia depois de pronta, de 1980. Fonte: Acervo Mange.



Figuras 1.5.3 e 1.5.4: Desenho de Projeto de Residência de 1979 e fotografia depois de pronta, de 1980. Fonte: Acervo Mange.

O ensino pré-Reforma era voltado para o desenvolvimento da habilidade do aluno em representar o espaço e desenvolver a criatividade. As aulas da cadeira “Desenho Artístico” eram dadas aos alunos do 1º e 2º ano do curso. No 1º ano, as atividades versavam sobre desenhos de observação de volumes simples, com o objetivo da reprodução de cópias fiéis, feitas a lápis, de objetos como tijolos, pedras e madeiras. Tendo os mesmos objetos como tema, na sequência eram feitos exercícios de composição e representação, em diversas escalas. Em seguida, passava-se aos desenhos de observação de temas vegetais, muitas vezes praticados no próprio pátio da Vila Penteadado. Por último, exercícios de desenhos de representação das concepções arquitetônicas desenvolvidas em outras cadeiras, feitos a lápis e a nankin, com detalhes de interior e exterior.

Os exercícios iniciais no 2º ano continuavam os exercícios do 1º ano, com exercícios de representação esquemática e croquis, usando lápis e nankin abordando temas diversos. Em seguida, iniciavam-se os exercícios de aplicação de cores em formas elementares, através das técnicas de aquarela, guache e giz pastel. O último exercício da cadeira compreendia desenhos de representação feitos a lápis, nankin e cores, das concepções arquitetônicas desenvolvidas em outras cadeiras cursadas pelos alunos no 2º ano.

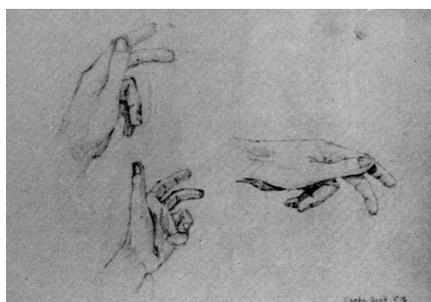
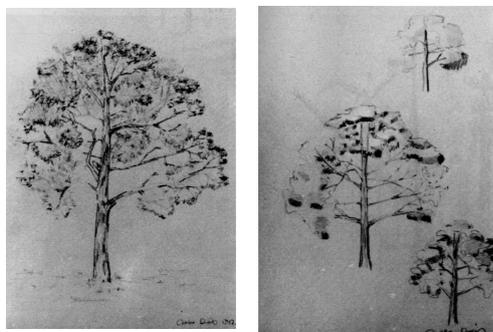


Figura 1.5.5: Tema “As mãos”.



Figuras 1.5.6 e 1.5.7: Tema “As árvores da Vila Penteadado”.



Figura 1.5.8: Tema “A Vila Penteadado / Detalhes do edifício da Rua Maranhão”.

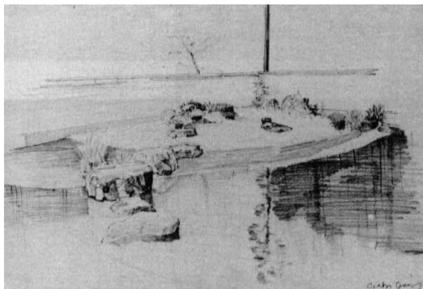


Figura 1.5.9. Tema “Parque Ibirapuera / Paisagens”.

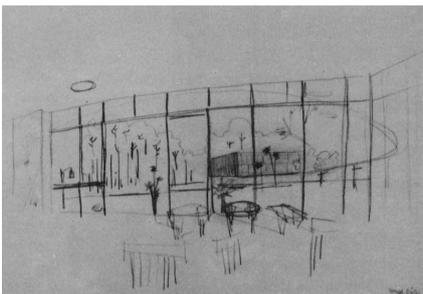


Figura 1.5.10. Tema “Parque Ibirapuera / Marquize”.

Figuras 1.5.5 a 1.5.10: Desenhos feitos por Csaba Deák, aluno da disciplina de Desenho Artístico em 1961 e 1962. Hoje, professor da pós-graduação da FAU USP. Fonte das imagens: Sinopses, 1993. Publicação autorizada pelo autor do desenho.

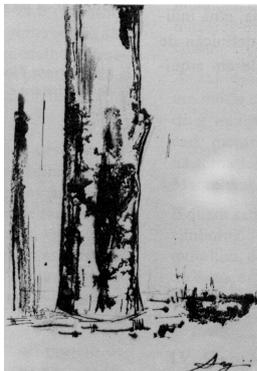


Figura 1.5.11. Tema “Madeira/troncos de árvore”.



Figura 1.5.12: Tema “Parque Ibirapuera/A Casa do Japão”.

Figura 1.5.11 e 1.5.12: Desenhos feitos por Francisco Segnini Junior, então aluno da disciplina de Desenho Artístico em 1961 e 1962 e hoje, professor da pós-graduação da FAU USP. Fonte das imagens: Sinopses, 1993. Publicação autorizada pelo autor do desenho.

Esses exercícios, feitos nos dois primeiros anos de curso pelos alunos, eram avaliados pelos professores que podiam orientar a direção de seu desenvolvimento. Havia também aulas teóricas de iniciação à estética e história da arte, “visando colocar culturalmente o aluno em clima favorável ao desenvolvimento do curso, possibilitando-lhe certo conhecimento sobre os problemas-estéticos” (FAUUSP, 1959).

A intenção do ensino do desenho e arte era a de dar ao estudante os subsídios do domínio do traço, os instrumentos, os materiais, as técnicas de expressão e representações artísticas, próprias de formas e espaços arquitetônicos, e de elementos que são componentes e participantes de ambientações externas e internas de edifícios e edificações em geral.

Uma preparação pela qual ao final de dois anos o aluno dominava a linguagem do desenho, sabendo relacionar a expressão artística ao desenho técnico, à exercitação da linguagem do projeto (MONZÉGLIO, 1993: 64).

Em 1958, Élide Monzéglio começa a dar aulas como professora assistente junto a Mange na Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico”. Após a Reforma, mesmo com as mudanças da estrutura do ensino, Élide permanece como professora assistente na disciplina ministrada por Mange.

1.5.2 A transição da Reforma

De 1961 para 1962, foram introduzidas as modificações no sistema de ensino e a Faculdade teve o seu corpo docente ampliado. O número de professores catedráticos e de professores regentes de cátedra se mantém, mas o número de professores assistentes e instrutores passa de 36 para 52 em apenas um ano.

O ano de 1962 foi um ano de ajustes e experiências dentro da estrutura da FAU USP. Mange convida Cândido Malta Campos Filho e João Xavier para participarem das aulas, e eles são contratados como Assistentes na cadeira de “Desenho Artístico”.

Neste ano, Mange participa da implantação da Sequência de Desenho Industrial na Faculdade. O curso por ele ministrado ao 2º ano do curso na Sequência de Desenho Industrial, com o auxílio de João Xavier e Cândido Malta, dava “ênfase aos aspectos ligados à utilização do objeto (...) tendo em vista seu relacionamento morfológico com o homem” (FAU USP, 1963a). Assim, eram desenvolvidas questões referentes aos processos de produção industrial por meio de aulas de desenho e de exercícios e da utilização de recursos da própria Faculdade e de recursos externos, através de uma parceria com o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

1.5.3 Implantação e implementação da Sequência de Comunicação Visual

Em 1963 ainda não haviam sido elaborados programas específicos para cada uma das disciplinas, tendo sido feito apenas um programa geral para toda a Sequência, estabelecendo os temas nos três anos de curso. No 1º ano os exercícios abordavam a linha, a superfície, o volume; no 2º ano, a matéria, ritmos, equilíbrio, movimento e organização do campo plástico; no 3º ano, o espaço e a expressão.

Em 1965, o programa da Sequência de Comunicação Visual é detalhado e cada uma das disciplinas ganha um programa específico. A Sequência permanece subdividida como no programa de 1963, composta pela Cátedra nº 12 – “Comunicação Visual I”, da qual Mange permanece professor catedrático, e pelas Disciplinas Autônomas Comunicação Visual II e III. O programa para a Cátedra nº 12 começa com a explicação dos objetivos da disciplina em passar ao aluno os elementos sintáticos da comunicação visual e da construção da imagem.

Essa primeira identificação ou essa “redescoberta” é orientada no sentido de pôr em evidência o aspecto estrutural dos elementos visuais, seja pela coerência na coordenação de seus próprios fatores característicos, seja pela coerente interrelação entre os fatores característicos de um elemento para com os fatores específicos dos demais. Visa também o 1º ano rápido adestramento em técnicas diversas, buscando desinibir o aluno pelo manuseio e domínio material de variados meios de expressão. (FAU USP, 1965)

A primeira disciplina da Sequência de Comunicação Visual permanecia com seus conteúdos didáticos alinhados aos anteriormente ministrados na cadeira de “Desenho Artístico”, por mais que os temas trabalhados fossem um pouco mais abstratos. Era

fundamental habilitar o aluno ingressante na Faculdade a usar o desenho como ferramenta de construção de ideias e de projeto, de forma semelhante ao que era feito nos anos precedentes à Reforma. “Lápis e papel devem ser uma coisa tal que a pessoa quando vai desenhando, a ideia puxa o lápis e o lápis puxa a ideia” (MANGE, 2002), sem que o fluxo de ideias fosse interrompido pela incapacidade de traçar aquilo que se desejava traçar.

Em 1966, a cátedra nº 12 passa a se chamar também Disciplina 121. Os detalhes do programa definido no ano anterior se mantêm, assim como o papel desempenhado pela disciplina de aproximar o aluno dos elementos básicos da linguagem visual. A preocupação vigente era que o aluno vinha do curso secundário despreparado para lidar com a linguagem visual pela “absoluta carência de informações atualizadas através dos cursos secundários”. Era preciso “restituir ao estudante seus instrumentos de trabalho” através da “redescoberta” dos elementos de representação gráfica (FAUUSP, 1966). O plano de trabalho para o 1º ano do curso se mantêm com os mesmos temas estabelecidos em 1963: a linha, a superfície e a superfície cromática.

O estudo da linha englobava as suas características plásticas, seu comportamento no plano e no espaço através da análise de estruturas lineares planas a partir de suas possibilidades plásticas, análise da estrutura linear de objetos reais e análise do comportamento de um elemento linear desenvolvido no espaço.

A superfície era estudada sob o aspecto de suas características planas, seu comportamento enquanto “campo plástico” e seu desenvolvimento no espaço: o estudo do balanço, dominância, ritmo, movimento, como forma de análise do comportamento estrutural de superfícies unitárias na organização de um campo plástico; análise gráfica das características plásticas de superfícies de objetos reais: matéria, valores, ritmo, equilíbrio, e sua interpretação expressiva; análise do comportamento da superfície plana no espaço e o estudo da letra (linha e superfície).

Por último, o estudo das superfícies cromáticas por meio do estudo do caráter físico, fisiológico e psicológico da cor: teorias diversas, análise de escalas cromáticas e sistemas harmônicos de cor, estudo do comportamento das relações cromáticas no campo plástico plano e no campo plástico espacial, estudo das relações tridimensionais. Estes processos técnicos desenvolvidos objetivavam vincular a análise da mistura das cores com o comportamento das superfícies cromáticas e a análise do comportamento de superfícies cromáticas e sua articulação espacial.

Quando o aluno ingressava no segundo ano, na disciplina “Comunicação Visual II” partia das correlações básicas experimentadas na primeira disciplina para exercícios que exigiam associações mais complexas de ordem metodológica e de ordem expressiva. Alguns temas retratados no 1º ano eram novamente abordados.

O 1º e o 2º anos da Sequência de Comunicação Visual tinham o objetivo de ordenar a experiência da forma, partindo “do nível sintático para a reconstituição dos elementos fundamentais da linguagem visual”. O curso no 3º ano “volta-se para a discussão e observação dos fenômenos concretos da comunicação visual no mundo moderno: sua função, seus meios de produção, seu significado e sua expressão” (FAUUSP, 1966), os alunos finalmente saíam do nível sintático do aprendizado para a exploração dos níveis semântico e pragmático:

Os dois anos de exercício da linguagem, em conjunto com os demais setores de formação das outras seqüências do curso, estabelecem o equipamento mínimo necessário a uma visão crítica e objetiva da realidade, que no 3º ano com a semântica e a pragmática, completam os três níveis da linguagem visual (FAUUSP, 1966).

A Sequência de Comunicação Visual inseriu no currículo da FAU novos conteúdos: o estudo da mensagem visual, da semiótica, a teoria geral dos signos e suas aplicações, a diagramação de impressos, o estudo de processos de reprodução industrial e artesanal e a informação visual contida no produto, no complexo arquitetônico e no espaço urbano.

Esses conteúdos foram também ministrados aos graduados em disciplinas de um curso de Pós Graduação na FAU que é regulamentado em 1964 (Portaria GR_63_/64). A elaboração desses cursos atendia à preocupação do Conselho de que os inúmeros professores contratados nos anos anteriores pudessem ser exonerado se não fizessem “um curso depois de quatro anos de sua nomeação” (Ata da reunião do Conselho do Departamento de Projeto de 23 de setembro de 1964). Em junho de 1965, enquanto Mange era presidente do Conselho do Departamento de Projeto, ele define a criação de uma Comissão de Pós-Graduação constituída pelos professores: Flávio Império, Lucio Grinover, Lauro Birkholz e Paulo Mendes da Rocha (Ata da reunião do Conselho do Departamento de Projeto de 3 de junho de 1965).

Os departamentos e Sequências elaboraram suas disciplinas, e a exigência para titulação do aluno era de que fosse aprovado em ao menos duas disciplinas. do curso de Pós-Graduação. A disciplina relacionada à Sequência de Desenho Industrial, “Metadesign”, inicia-se em 2 de agosto de 1965, sendo coordenada por José Maria da Silva Neves e ministrada por

Andries Van Onck. Em 10 de março de 1966, tem início a disciplina vinculada à Sequência de Comunicação Visual, “Introdução à Teoria da Comunicação” que é coordenada por Mange, teve o próprio Mange como professor, assim como Décio Pignatari, Walter Hugo de Andrade Cunha e Helio Guerra Vieira. Diversos professores da FAU cursaram estas duas disciplinas: Élide Monzéglio, João Xavier, Ludovico Martino, entre outros.

1.6 A importância de Ernest Mange e o desligamento da FAU USP

O desenho era habilidade indispensável para a prática profissional do arquiteto e Mange sabia, por sua própria experiência profissional, que a qualidade do desenho era um diferencial. Ele ensinava a seus alunos que a qualidade do traço e da representação dependiam de apenas exercícios e prática e que podiam ser conquistados por todos os alunos.

A participação de Mange na USP foi bastante extensa e, como profissional engajado e inovador, é um referencial por seus projetos e por sua extensa produção. Como professor dos cursos de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Escola Politécnica pôde passar sua experiência aos alunos nas disciplinas que ministrou. Como catedrático, teve a oportunidade de participar diretamente da formação dos futuros arquitetos. Em sala de aula, os diversos exercícios que propunha aos alunos para desenvolvimento do traço serviam de base para que os alunos não só obtivessem a capacidade de representação, mas também, toques de sua expressividade individual. Após a reforma, coube à disciplina ministrada por Mange passar os conhecimentos elementares de desenho e representação, assim como novos conceitos para que os alunos reelaborassem sua forma de enxergar o mundo, entendendo o espaço de uma nova maneira.

Os motivos do desligamento do professor Ernest Mange da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo não foram possíveis de se definir ao certo, mas sabe-se que o ano de 1968 foi um momento de grandes conflitos políticos no Brasil, especialmente na Universidade de São Paulo. Nessa época, os movimentos estudantis aconteciam às escuras e os alunos se reuniam para discutir a situação do País. Durante a ditadura, muitos professores da FAU saem do Brasil, alguns chegam a ser presos, era clara a tensão do clima político da USP. Oficialmente, o que se sabe é que o contrato de Ernest Mange como professor catedrático da FAU USP termina em 01 de março de 1969 e não é mais renovado. A esta altura, porém, sua influência sobre o ensino e a prática da Arquitetura no Brasil, seja profissional ou política, já estava consolidada e, definitivamente, irreversível.

Bibliografia

ARAÚJO, Cláudia Gomes de. *Arquitetura e Cidade na obra de Ernest de Carvalho Mange*. 2004. 183p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. Orientação: SEGAWA, Hugo Massaki.

ARTIGAS, Vilanova. Contribuição para o Relatório sobre o Ensino de Arquitetura no Brasil, UIA UNESCO. *Sinopses*. Especial memória, p. 133-137. 1993.

BRAGA, Marcos da Costa. *ABDI e APDINS-RJ: Histórias das Associações Pioneiras de Design do Brasil*. São Paulo: Blücher, 2011.

BIRKHOLZ, Lauro Bastos; NOGUEIRA, Brenno Cyrino. A FAUUSP, sua Criação e Funcionamento na Vila Penteadado. *Sinopses*. Especial memória, p. 5-11. 1993.

CALDEIRA, Mário Henrique de Castro. *Arquitetura para educação: escolas públicas na cidade de São Paulo (1934-1962)*. 2006. 229p. Tese (Doutorado – Área de concentração: Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. Orientação: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de.

CARVALHO, Ana Paula Coelho de. *O ensino paulistano de design: a formação das escolas pioneiras*. 2012. 300p. Dissertação (Mestrado – Área de concentração: Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. Orientação: BRAGA, Marcos da Costa.

DOMSCHKE, Vera Lúcia. *O ensino da arquitetura e a construção da modernidade*. 2007. 324p. Tese (Doutorado – Área de concentração: Projeto de Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. Orientação: YURGEL, Marlene.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural Artes Visuais. *Ernest Robert de Carvalho Mange*. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2582&cd_idioma=28555>. Acesso em 12 de dezembro de 2012.

FAGGIN, Carlos. O Ateliê na formação do Arquiteto: uma análise crítica do documento apresentado por Carlos Millán na FAUUSP, em 1962. *Sinopses*. Especial memória, p.130-132. 1993.

FRANCO, L. R. C.; IMPARATO, Dario; NEVES, J. M. S.; SANOVICZ, Abrahão; GRINOVER, Lucio; CAMPOS, C. M. ; CAUDURO, J. C.; KATINSKY, Julio R. *O histórico brasileiro e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo*. São Paulo: FAU USP, 1964.

MILLAN, Carlos Barjas. *O Ateliê na formação do Arquiteto*. São Paulo: FAU USP, 1962.

MONZEGLIO, Élide. A comunicação visual como tecnologia educacional. Uma proposição didática de projeto. *Sinopses*, n. 5, p.5-64. 1984.

MONZEGLIO, Élide. O Desenho conta uma História. *Sinopses*. Especial memória, p.62-74. 1993.

PEREIRA, Juliano Aparecido. *Desenho industrial e arquitetura no ensino da FAU USP (1948-1968)*. 2009. 412p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. Orientação: ANELLI, Renato Luiz Sobral). São Carlos: EESC USP, 2009.

PICARELLI, Marlene. O Departamento de Projeto AUP – FAU USP. *Sinopses*. Especial memória, p.12-23. 1993.

SENAI SP. *De homens e máquinas: Roberto Mange e a formação profissional*. São Paulo: SENAI, 1991. v. I.

SINOPSES. São Paulo: FAU USP, 1981 - 2003. Semestral. ISSN: 0101-7225

SIQUEIRA, Renata Monteiro; BRAGA, Marcos da Costa. *FAU/USP, 1962: a implementação do Grupo de Disciplinas de Desenho Industrial no curso de Arquitetura e Urbanismo*.

Congresso Internacional de Pesquisa em Design – CIPED. Anais do 5o Congresso Internacional de Pesquisa em Design – CIPED. Bauru: Unesp, 2009.

ZEIN, Ruth Verde (coord.). *Arquitetura Paulista Brutalista: 1953-1973*. FAU-Mackenzie. Disponível em: <<http://www.arquiteturabrutalista.com.br>> Acesso em: 19 de setembro de 2013.

Fontes

Atas de reunião do Conselho do Departamento de Projeto de 23 de setembro de 1964, de 3 de junho de 1965, de 10 de junho de 1965.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. Discurso proferido na cerimônia de entrega do título de Professor Emérito a Cândido Malta Campos Filho, FAU/USP, 8 de novembro de 2012. Disponível em: <<http://www.candidomaltacamposfilho.com.br/textos%20CMCF/06ProfessorEmerito.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2013.

DAMIANI, Cinzia. Cinzia Damiani: depoimento [dezembro de 2012]. Entrevistadora: Dora Souza Dias. Entrevista cedida a Dora Souza Dias.

[Diário Oficial do Estado de São Paulo. Decreto nº 34.017, de 21 de novembro de 1958: Introduce o regime por Cátedra ou Disciplina subordinada, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo, e dá outras providências. Ano LXVIII – nº 260 – 22 de novembro de 1958. p. 8.](#)

Diário Oficial do Estado de São Paulo. Portaria nº 9, de 22 de dezembro de 1961: fixa o “currículo” padrão dos cursos normais da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Ano LXXI – nº 294 – 30 de dezembro de 1961. p.11.

Diário Oficial do Estado de São Paulo. Portaria nº 122, de 25 de novembro de 1963: estabelece medidas sobre o regime didático e escolar da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano LXXIII – nº 226 – 29 de novembro de 1963. p. 4-5.

Diário Oficial do Estado de São Paulo. Portaria G.R. nº 63, de 26 de junho de 1964: regulamenta os cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano LXXIV – nº 120 – 27 de junho de 1964. p. 6.

DUARTE, Helio de Queiroz; MANGE, Ernest Robert de Carvalho. *Contribuição ao Ensino da Arquitetura*. Proposta para o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos. São Paulo: FAU USP, 1954.

FAU USP. *Programa Proposto para 1957. Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico”*. São Paulo: FAU USP, 1957.

FAU USP. *Programa da Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico”*. São Paulo: FAU USP, 1959.

FAU USP. *Programa da Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico”*. São Paulo: FAU USP, 1961.

FAU USP. *Programa da Cadeira nº 21 – “Desenho Artístico”*. São Paulo: FAU USP, 1962b.

FAU USP. *Relatório das Atividades de 1962*. São Paulo: FAU USP, 1962a.

FAU USP. *Desenho Industrial 1962*. São Paulo: Departamento de Projeto FAU USP, 1963a.

FAU USP. *Programa Proposto para 1963*. São Paulo: FAU USP, 1963b.

FAU USP. *Programa de 1963*. São Paulo: FAU USP, 1963c.

FAU USP. *Sequência de Comunicação Visual*. São Paulo: Departamento de Projeto FAU USP, 1964.

FAU USP. *O Histórico Brasileiro e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo*. São Paulo: FAU USP, 1964.

FAU USP. *Sequência de Comunicação Visual*. São Paulo: Departamento de Projeto FAU USP, 1965.

FAU USP. *Sequência de Comunicação Visual*. São Paulo: Departamento de Projeto FAU USP, 1966.

LDB 4024/61. Presidência da República. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

MANGE, Ernest Robert de Carvalho. *Curriculum Vitae*. São Paulo, FAU USP (pasta funcional de professor), 1967 (mimeo).

MANGE, Ernest Robert de Carvalho. Ernest Robert de Carvalho Mange: discurso [setembro de 2004a]. Homenagem a Ernest Robert de Carvalho Mange. Vídeo digitalizado (ca. 1h 29 min 16 s). I Seminário DOCOMOMO SP. São Paulo: 2004a.

MANGE, Ernest Robert de Carvalho. Ernest Robert de Carvalho Mange: entrevista [março de 2004]. Entrevista para o Centro de Documentação e Memória Camargo Corrêa. Fita 1 (ca. 1 h 52 s) e fita 2 (ca. 45 min 52 s) em arquivo digital. São Paulo: 2004b.

MANGE, Ernest Robert de Carvalho. Ernest Robert de Carvalho Mange: depoimento. Edição Zilda Kessel, 2002. São Paulo: Centro de Referência de Educação Mario Covas. Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ernest.pdf>>. Acesso em 20 de dezembro de 2012.

MONZÉGLIO, Élide. *Curriculum Vitae* anexo ao memorial para Concurso a Professor Titular. São Paulo: FAU USP, 1985.

KATZ, Renina. Renina Katz Pedreira: depoimento [janeiro de 2013]. Entrevistadores: Dora Souza Dias e Marcos da Costa Braga. Entrevista cedida a Dora Souza Dias.